



THE WESTPLAINING IN THE UKRAINIAN WAR DISCUSSION

O WESTPLAINING NO DEBATE SOBRE A GUERRA DA UCRÂNIA

ALEXANDRE JOSÉ ARANTES

Mestrando em Ciência Política. Universidade Federal do Paraná.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7412330099267429>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4248-2039>

ABSTRACT

This article presents an analysis of the concept of “westplaining” in the discussion on peace in Ukraine. The objective of this work is to demonstrate how the “westplainers” are within the colonial logic of thought in peace studies. For this, the argument of this work is that westplaining is a central concept to understand the western critique of the Ukrainian War, where Western researchers, intellectuals and critics did not give a voice to eastern European scholars to understand this same war. In order to develop the argument, this work is structured in two sections. The first section is called “Coloniality of knowledge in Ukrainian peace studies”, where the argument is based on how the West has neglected other forms of knowledge and other researchers outside the Western world. In the second section, entitled “Westplaining as neo-colonialism”, the argument revolves around the perspective that this neglect is anchored in a colonial logic of peace studies, transforming Western researchers into Westplainers. The concept of westplaining contributes to the debate on peace in the Ukraine War, demonstrating how non-Western voices were silenced in this debate, giving the stage only for Western researchers to speak on the topic at an international level.

Keywords: westplaining, Rússia, Ucrânia, peace, discussion

RESUMO

O presente artigo traz uma análise do conceito de *westplaining* no debate sobre a paz na Ucrânia. O objetivo deste trabalho é demonstrar como o *westplainers* estão dentro da lógica colonial de pensamento nos estudos sobre a paz. Para isto, o argumento deste trabalho é que o *westplaining* é um conceito central para entender a crítica ocidental da Guerra da Ucrânia, onde pesquisadores, intelectuais e críticos do ocidente não deram voz à estudiosos do leste europeu para entender esta mesma guerra. De modo a desenvolver o argumento, este trabalho está estruturado em duas seções. A primeira seção se chama “Colonialidade do saber nos estudos pra paz da Ucrânia”, onde o argumento se situa em como o Ocidente negligenciou outras formas de saber e outros pesquisadores fora do mundo ocidental. Na segunda seção, chamada “Westplaining como neo-colonialismo”, o argumento gira em torno da perspectiva de que esta negligência está ancorado numa lógica colonial dos estudos pra paz, transformando pesquisadores ocidentais em *westplainers*. O conceito de *westplaining* contribui para o debate sobre a paz na Guerra da Ucrânia, demonstrando como vozes não-ocidentais





foram silenciadas neste debate, dando palco apenas para pesquisadores ocidentais falarem sobre o tema em nível internacional.

Palavras-chave: westplaining, Rússia, Ucrânia, paz, debate

1 INTRODUÇÃO

No início do ano de 2022, a Europa viu o início de uma invasão russa ao território ucraniano, após muitas ameaças e a anexação da Criméia no ano de 2014, no qual o conflito já se estendia ao território de Donbass, localizado no oeste da Ucrânia. Segundo Reis (2022), a invasão Rússia foi a maior operação militar na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

Assim, houve uma grande cobertura da imprensa mundial acerca do assunto. De um lado, a mídia russa censurada pelo governo de Putin e sendo proibida de usar expressões como “guerra” ou “invasão”. De outro lado, o ocidente, fazendo todos os tipos possíveis de cobertura, mesmo sem conhecer nem Ucrânia nem Rússia. O correspondente Charlie D'Agata do canal norte-americano CBS News disse que “este não é um lugar, com todo o respeito, como o Iraque ou o Afeganistão, que tem visto conflitos violentos há décadas. Esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia, cidade onde você não esperaria isso”. (RBA, 2022). Assim, se viu uma guerra colonialista de narrativas por parte do ocidente e de sua imprensa internacional.

A guerra entre Rússia e Ucrânia alimenta também um duelo de narrativas e uma guerra paralela da informação. De um lado, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, propagou a censura das agências Russia Today (RT) e Sputnik. “Para não mais espalharem suas mentiras para justificar a guerra de Putin”, justificou. Desse modo, reservou à mídia ocidental a exclusividade do direito de espalhar versões, nem sempre correspondentes aos fatos. (RBA, 2022).

A mídia cobriu, transmitiu e permitiu que vozes fossem dadas a correspondentes internacionais como Charlie D'Agata, mas também a governantes como o ex-procurador ucraniano David Sakvarelidze, no qual o mesmo disse que a situação de guerra em seu país era "muito emocional" para ele porque "povos europeus de olhos azuis e cabelos loiros" estavam sendo mortos todos os dias – disse o ex-procurador a uma entrevista à





BBC¹. O racismo, a xenofobia e o preconceito foram vistos em diversos veículos de imprensa no ocidente, até mesmo vindo de intelectuais da área de relações internacionais. O colonialismo nas Relações Internacionais está presente, sobretudo em seu campo teórico e no modo pelo qual os pensadores e intelectuais argumentam sua lógica de poder branca, europeia e cristã. O pensamento convencional dentro da disciplina de RI está embutido em pressupostos ontológicos específicos que não são universais, mas foram universalizados. (TROWNSELL *et.al.*, 2019). Universaliza-se conceitos e práticas que reverberam um preconceito dentro das Relações Internacionais e suas discussões práticas. Este colonialismo pode ser visto como um excesso de autoconfiança dos europeus, como ressalta Jones (2006), na tentativa de dar ao mundo um certo "progresso" a partir de uma filosofia europeia e de um pensamento que moldou as relações internacionais.

O renomado cientista social brasileiro Paulo Freire pediu o reconhecimento das pessoas marginalizadas como “sujeitos, e não objetos” com agência para moldar suas próprias narrativas. No entanto, esse cálculo fica para trás em comentários sobre a Ucrânia e outros países pós-comunistas. (McCALLUM, 2022). O colonialismo europeu parte do pressuposto que os povos não-ocidentais ou não-brancos não podem conhecer sua própria história, tendo a “necessidade” do conhecimento europeu para que possa legitimar sua filosofia e história. Nega-se assim a identidade, cultura e história dos povos que foram colonizados, fazendo com que esta história seja contada do ponto de vista do colonizador.

Em vista dos fatos mencionados, tomando como caso a invasão russa na Ucrânia no ano de 2022, torna este o ponto principal e o objetivo fundamental deste trabalho: apresentar como o debate foi feito por intelectuais do ocidente e como vozes não-ocidentais não foram ouvidas, fazendo o que foi chamado de *westplaining*.

2 O WESTPLAINING E SUA COBERTURA INTERNACIONAL

¹ Entrevista de David Sakvarelidze à BBC News em 27 de fevereiro de 2022: “David Sakvarelidze comments on Ukraine Conflict”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QFQ392yepF0>.





Para explicar o termo e conceituar o que significa *westplaining*, precisamos entender que se trata de um neologismo que se derivou do termo *mansplaining*. Por sua vez, o termo “Mansplaining” é uma junção de *man* (homem) e *explaining* (explicar). Consiste em uma fala didática direcionada à mulher, como se ela não fosse capaz de compreender ou executar determinada tarefa, justamente por ser mulher. (STOCKER; DALMASO, 2016). A partir disto, Jan Smoleński e Jan Dutkiewicz conceituam o *westplaining* como o fenômeno de pessoas da Anglosfera impingindo ruidosamente seu esquema analítico e prescrições políticas na região da Europa Oriental. Para Smoleński e Dutkiewicz (2022) a questão do *westsplaining* é ilustrado particularmente bem quando os especialistas explicam o papel da expansão da OTAN para o leste no desencadeamento do ataque da Rússia.

Contudo, Smoleński e Dutkiewicz não criaram o termo *westplaining*, apenas o popularizaram a partir do caso Rússia-Ucrânia. Foi Edward Lucas (2019) que cunhou o termo, no qual descreve o *westsplaining* como referindo-se a um evento comum em conferências, encontros diplomáticos e redes sociais online, em que os ocidentais criticavam a desconfiança dos europeus orientais em relação ao "diálogo com a Rússia". Lucas via os ocidentais como incluindo ocidentais de direita que "secretamente" admiravam as intervenções militares russas; ocidentais de esquerda que viam a OTAN, os Estados Unidos e os gastos com defesa como "o verdadeiro inimigo"; e um terceiro grupo que era "apenas ganancioso". Lucas argumentou que a explicação ocidental levou os ocidentais a julgar mal as ameaças e ações russas contra a Europa Ocidental e Oriental e não conseguiram aprender com os orientais.

Smoleński e Dutkiewicz (2022) no artigo *The American Pundits Who Can't Resist "Westsplaining" Ukraine* fazem uma análise sociopolítica da invasão russa na Ucrânia partindo de um pressuposto fundamental: a anglosfera ignorou pesquisas, análises e debates que aconteciam no leste europeu sobre o assunto, como se o leste não pudesse analisar criticamente a guerra da Ucrânia, as relações internacionais e tudo que envolve o contexto atual. Assim como mulheres sofrem com o *mansplaining*, o leste europeu sofre com o *westplaining*.





As críticas incluem pensadores, intelectuais e teóricos importantes da política internacional como John Mearsheimer, Ted Galen Carpenter do Cato Institute, Wolfgang Streeck, Jeffrey Sachs, Yannis Varoufakis, Tucker Carlson e Mariana Mazzucato. Para McCallum (2022), uma tendência que reflete uma mentalidade de Westsplaining é a escola “realista” de relações internacionais, melhor exemplificada pelo artigo extremamente influente de 2014 do cientista político John Mearsheimer, *Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin*, publicado em Foreign Revista Assuntos.

O artigo de Mearsheimer não foi revisado por pares, ele não tem conhecimento especial sobre a Ucrânia ou a Rússia e seu artigo contém alguns erros elementares. Ele culpa repetidamente o alargamento da OTAN na Europa Oriental pela agressão russa à Ucrânia sem reconhecer adequadamente que a Revolução Ucraniana de 2014 foi galvanizada não pela OTAN, mas pelo desejo de uma integração econômica mais próxima com a União Europeia. Ele confunde a OTAN, uma aliança militar, com a UE, um bloco econômico. Seu artigo condena os esforços de “promoção da democracia” de soft power dos EUA para desestabilizar a Ucrânia, mas não fala sobre as extensas redes de soft power e espionagem que a Rússia mantém na Ucrânia. Mearsheimer continua a ser muito procurado para comentar sobre a invasão russa e continua a afirmar sua (na minha opinião) visão “realista ofensiva” errônea do conflito. Essa fixação na geopolítica e nos grandes jogos de poder obscurece as realidades vividas pelos 43 milhões de ucranianos. Jan Smoleński e Jan Dutkiewicz descrevem o foco desapaixonado de Mearsheimer no realismo político e na teoria da escolha racional como reduzindo a invasão brutal da Ucrânia pela Rússia a “um jogo de risco”. (McCALLUM, tradução nossa, 2022).

McCallum (2022) entende que isso se estende para a esfera da linguagem. Nos comentários dos intelectuais ocidentais, as expressões usadas sobre a guerra na Ucrânia são muitas vezes em larga escala e abstratas – metáforas recorrentes reduzem a Ucrânia a um “peão” em um “tabuleiro de xadrez geopolítico”, enquanto clichês da era da Guerra Fria sobre a loucura de “cutucar o urso russo” abundam de forma exagerada. O autor também critica a esquerda mundial, citando o historiador Taras Bilbou, onde o mesmo em *A letter to the Western Left from Kyiv* diz que há um “anti-imperialismo dos idiotas que insistem que a agressão americana ou a expansão da OTAN são as causas da invasão da Rússia.” (BILBOU, 2022). Para McCallum (2022), a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2014 foi galvanizada não pela possível adesão à OTAN, mas pela perspectiva de uma integração econômica mais próxima da Ucrânia com a UE. As eleições da Ucrânia (ao contrário das da Rússia) são altamente competitivas, e os ucranianos têm





repetidamente retornado partidos pró-europeus nas urnas. As eleições parlamentares da Ucrânia em 2019 para a legislatura nacional de 450 membros, a *Verkhovna Rada* (parlamento ucraniano), deram uma grande maioria para o partido pró-europeu Servo do Povo do presidente Volodymyr Zelensky (e apesar da difundida mentira russa, os partidos de extrema direita não conseguiram ganhar um único assento). Embora os ucranianos estivessem de fato profundamente divididos sobre a adesão à OTAN e à UE há apenas uma década, pesquisas recentes mostram que a grande maioria dos ucranianos agora apoia a adesão da Ucrânia a ambas as organizações, mesmo antes da invasão russa de 24 de fevereiro.

O *westsplaining* de Bilbou ou Mearsheimer não está em desconhecimento sobre a relação Rússia-Ucrânia, mas em uma falta de profundidade sobre a complexidade da relação que envolve as duas nações, sobretudo em sua cultura local e seus parlamentos e políticas nacionais. Mearsheimer chega a dizer em seu artigo que “as ações de Putin devem ser fáceis de compreender.” (Mearsheimer, 2014).

O paradigma Westsplaining minimiza a ação dos 43 milhões de ucranianos, que estão sofrendo o impacto da brutal invasão da Rússia. Como os especialistas ucranianos pediram, devemos procurar ampliar as opiniões dos ucranianos quando discutimos a guerra. Westsplaining também banaliza as dezenas de milhares de russos que foram presos ou detidos por protestar contra a guerra, incluindo grupos feministas, ativistas estudantis e milhares de acadêmicos, todos os quais o fizeram sob um risco pessoal considerável. (McCALLUM, tradução nossa, 2022).

Estas vozes que foram deslegitimadas precisam ser escutadas para que o ocidente não crie *westplainers*. Muito antes da invasão russa à Ucrânia ou até mesmo da anexação da Criméia em 2014, já havia pesquisadores e intelectuais do leste europeu trabalhando este tema. Artalk (2022) listou vários autores com uma bibliografia decolonial extensa sobre o assunto: Adriana Ivahiv², Pavel Barsa³, Boris Buden⁴, Svitlana

² Adriana Ivahiv, "Decolonialism and the invasion of Ukraine". UKR-TAZ, 2022.

³ Pavel Barša, "Přeskupování pozic. Co předcházelo válce a co přijde po ní?", 2022.

⁴ Boris Buden, "The West at War: On the Self-Enclosure of the Liberal Mind", E-flux journal, 2022.





Matviyenko⁵, Vasyl Cherepanyn⁶, Elke Buhr⁷, Irina Zhrebkina⁸, David Adler⁹, Keti Chukrov¹⁰, Gal Kirn¹¹, Emanuele Braga¹², Volodymyr Artiukh,¹³ Daria Badior¹⁴, Oleksiy Radynski¹⁵, Polina Goz¹⁶, Olexii Kuchanskyi¹⁷, Ilya Budraitskis¹⁸, Anna Engelhardt¹⁹, dentre outros textos citados, como os do próprio Smoleński e Dutkiewicz.

Para Labuda (2022), uma crítica proeminente que surgiu após a invasão da Ucrânia é que o Ocidente está se concentrando demais em uma guerra europeia enquanto ignora outros conflitos. Labuda usa a expressão *whataboutism* para perguntar: “e a Palestina? E quanto a Mianmar?” Outra iteração dessa crítica é que o Ocidente está respondendo apenas porque os ucranianos são de pele clara, ignorando os conflitos do Sul Global envolvendo povos de pele mais escura. Uma crítica diferente, mas igualmente proeminente, é que o Ocidente não tem legitimidade para criticar a agressão russa porque também viola a proibição do uso da força, principalmente no Iraque. Labuda (2022) também questiona se a agressão de Putin é diferente dos empreendimentos imperialistas do Ocidente.

Segundo Artalk (2022), a guerra iniciada por Putin pode ser vista como o próximo passo do atual neoimperialismo russo, que inclui críticas à modernidade ocidental, expansão para países vizinhos (na Chechênia, Geórgia e Ucrânia) e consolidação da influência estrangeira (na Síria, Sérvia, Paquistão e outros países). Nesse sentido, é, portanto, interessante observar que tipo de contrapeso teórico ao discurso imperial pode ser o pensamento decolonial. Os textos que tratam da descolonização nos oferecem uma

⁵ Svitlana Matviyenko, "Nuclear Cyberwar: From Energy Colonialism to Energy Terrorism". E-flux journal, 2022.

⁶ Vasyl Cherepanyn, "Putin's World War Z". Project Syndicate, 2022.

⁷ Elke Buhr, "Putins Regime hat sich durch Sport, Klassik und Museen legitimiert". Monopol, 2022

⁸ Irina Zhrebkina, "Dispatch from Kharkiv National University". Boston Review, 2022.

⁹ David Adler, "The west v Russia: why the global south isn't taking sides". Guardian, 2022.

¹⁰ Keti Chukhrov, "The NATO Conundrum". E-flux Notes, 2022.

¹¹ Gal Kirn, "Against war in Ukraine and the New Imperialism: A Letter of Solidarity with the Oppressed", 2022.

¹² Emanuele Braga, "Militant Mutualism and the Exit of Empire". Institute of Radical Imagination, 2022.

¹³ Volodymyr Artiukh, "A Ukrainian Socialist Explains Why the Russian Invasion Shouldn't Have Been a Surprise". Jacobin Magazine, 2022.

¹⁴ Daria Badior, "Why We Need a Post-Colonial Lens to Look at Ukraine and Russia". Hyperallergic, 2022.

¹⁵ Oleksiy Radynski, "The Case Against the Russian Federation". E-flux, 2022.

¹⁶ Polina Godz, "Ukraine Needs a Global Antiwar Movement". Jacobin Magazine, 2022.

¹⁷ Olexii Kuchanskyi, "It is Not the 'Ukrainian Issue'". TransitoryWhite, 2022.

¹⁸ Ilya Budraitskis, "Should We Have Seen This Coming?". Verso, 2022.

¹⁹ Anna Engelhardt, "The Futures of Russian Decolonization". Strelka Mag, 2020.





visão de como olhar toda a situação à distância e percebê-la em um contexto internacional-cultural e geopolítico mais amplo.

Esse também é um papel importante das instituições culturais, que, além de apoiar diretamente a Ucrânia e ajudar as pessoas que fogem das áreas afetadas pela guerra, também se dedicam ao desenvolvimento da discussão teórica. Isso inclui tanto uma análise da situação específica e da história que antecedeu a guerra, quanto uma possível visão de futuro, que incidirá sobre a transformação das relações globais e a questão de quais alianças precisarão ser construídas ou fortalecidas. Concentramo-nos principalmente em textos que foram criados no ambiente da Europa Central e Oriental, e em ensaios que tematizam a distribuição de forças formada pela divisão do mundo em Norte e Sul (em vez de Leste e Oeste), ou que tratam de onde olhar para uma posição nesta "nova" realidade do antigo Oriente. (ARTALK, tradução nossa, 2022).

Segundo Labuda (2022) para os europeus orientais, que conhecem a história do imperialismo russo em sua região e entendem que a OTAN – apesar de suas falhas – é sua melhor esperança de não repetir o passado. “Mas alguns analistas parecem incapazes de girar para um quadro analítico enraizado no espaço pós-soviético onde a OTAN representa não o imperialismo, mas exatamente o oposto: o anti-imperialismo.” (Labuda, 2022). Para o mesmo, na Europa Oriental, isso também é chamado de autodeterminação. O autor ainda afirma que o problema gira em torno não somente das relações internacionais, mas também do direito internacional:

No entanto, muitos intelectuais não-europeus orientais – fixados nas transgressões da OTAN em outros lugares – continuam a reproduzir os esquemas analíticos com os quais estão familiarizados, lutando para identificar a causa dessa guerra, adotando ou tolerando argumentos bilaterais relativísticos em um caso claro de agressão unilateral. Embora a maioria dos advogados internacionais tenha se apegado a uma análise doutrinária e politicamente neutra das questões jurídicas emergentes da guerra na Ucrânia, algumas conversas jurídicas necessariamente implicam questões culturais e políticas mais amplas que exigem uma compreensão diferenciada não apenas do imperialismo ocidental e do eurocentrismo do direito internacional, mas também das abordagens da Europa Oriental e da Rússia ao direito internacional. (LABUDA, tradução nossa, 2022).

O *westplaining* ocorre, sobretudo quando vozes são caladas para que o ocidente dite o que é, ou seja, uma realidade prevista pelo outro que desconhece. Para McCallum (2022), em última análise, deve-se buscar amplificar as vozes dos ucranianos e reconhecer os limites e contingências culturais inerentes aos nossos próprios sistemas





de conhecimento ao interpretar a guerra de agressão da Rússia na Ucrânia. Por que perguntar para um americano ou britânico sobre a paz nesta guerra, quando se pode perguntar a um ucraniano: o que significa a paz para você? Por que ir até os departamentos de ciência política e relações internacionais do ocidente quando há pesquisadores em Varsóvia, Kiev ou Odessa pesquisando e debatendo estas questões há anos? Não se trata de calar vozes ocidentais, mas de oferecer mais visões de mundo para além do que as instituições ocidentais colocam como verdade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve críticas em relação a mídia por desmerecer outras guerras e dar espaço para uma guerra de “brancos contra brancos”, contudo, segundo Labuda (2022), há a crítica de que a guerra na Ucrânia simboliza os ocidentais privilegiando os brancos sobre as pessoas de pele mais escura, contudo, a forma como a guerra na Ucrânia foi enquadrada através de uma lente unidimensional de racismo branco contra negro apaga inadvertidamente um tipo igualmente sério de racismo nesta parte do mundo. Durante séculos, a Europa Ocidental tratou os eslavos como uma raça inferior, justificando imperialismo alemão, culminando na busca de Hitler por um *Lebensraum* (espaço vital). Labuda (2022) ainda ressalta que a palavra inglesa *slave* vem de “eslavo” entre os quais estão os ucranianos e a maioria dos europeus orientais.

Embora na Europa Oriental essas hierarquias arbitrárias de inclusão/exclusão sejam agora enquadradas em uma linguagem diferente, por exemplo, 'etnia', os europeus orientais ainda são vistos como cidadãos de segunda classe na Europa, com discriminação aberta contra poloneses e romenos ocasionalmente nos noticiários. Sempre fiquei intrigado com a forma como as instituições da Europa Ocidental, que implementam vários projetos de descolonização, acham mais fácil discutir regiões geográficas mais distantes, ignorando essencialmente seus vizinhos imediatos a leste. E, no entanto, essas desigualdades fundamentais, incluindo o status 'inferior' da Ucrânia dentro da Europa 'branca' – amplamente demonstrado pela luta desesperada da Ucrânia para ter sua soberania reconhecida e decidir por si mesma se deve se juntar à Europa (UE) e ao Ocidente (OTAN) – são legados de um complexo intra-europeu, hierarquia racializada de povos 'civilizados' e 'menos civilizados' nesta região. Poucos comentaristas envolvem essa complexidade (para uma rara análise que vai além dos tropos raciais negros/brancos. (LABUDA, *tradução nossa*, 2022).





Contudo, a ideia principal do *westplaining* é de como vozes não são ouvidas no espectro internacional da política e seus debates contemporâneos. A necessidade de dar voz a mais autores para além dos tidos como “clássicos” e tradicionais, está para além de uma visão de mundo progressista ou de uma agenda liberal das relações internacionais. Dar voz é legitimar trabalhos que estão sendo construídos a muito tempo mas que não tiveram oportunidade de ter seu crédito reconhecido. Este artigo não tem a pretensão de criar “cancelamentos”, mas de propor um debate mais amplo sobre um assunto tão importante como a guerra da Ucrânia.

O *westplaining* também acontece nos debates sobre as guerras no oriente médio, sudeste asiático e principalmente na África, na construção de um “orientalismo”²⁰ imaginado pelo ocidente e suas instituições, uma ideia de como poderia ser e de como deveria ser o mundo que não é tido como ocidental. Assim, os debates como os de local de fala²¹, raça, gênero e sexualidade são fundamentais para uma compreensão mais ampla das relações internacionais e seus debates atuais. Em vista dos debates apresentados, conclui-se que também o *westplaining* é um conceito importante para os debates nas relações internacionais.

Referências

ARTALK. Disponível em "Východoevropský dekolonizační reading list". Artalk.cz, 2022. Disponível em: <artalk.cz/2022/03/21/vychodoevropsky-dekolonizacni-reading-list/>.

BILOUS, Taras. “A letter to the Western Left from Kyiv”. Open Democracy. 2022.

EDWARD, Lucas. "Europe's 'frontline' states have a lot to teach the 'old West.' Perhaps we should listen". Center for European Policy Analysis. 2019.

JONES, B.G. (org). Decolonizing International Relations. Lanham, Rowan & Littlefield. 2006.

LABUDA, Patryk. "On Eastern Europe, 'Whataboutism' and 'West(s)plaining': Some Thoughts on International Lawyers' Responses to Ukraine". Ejl: Talk, 2022.

²⁰ Ver Edward W. Said. “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”. Tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

²¹ Ver Djamilá Ribeiro, "Lugar de Fala". Editora Jandaíra, 2019.





McCALLUM, Alasdair. "What we lose by 'Westsplaining' the Russian invasion of Ukraine". Monash University, 2022.

MEARSHEIMER, John. "Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin." *Foreign Affairs*, vol. 93, no. 5, 2014, pp. 77–89.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. "Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha". *Rev. Estud. Fem.*[online]. 2016, vol.24, n.3, pp.679-690.

SMOLEŃSKI, Jan.; DUTKIEWICZ, Jan. "The American Pundits Who Can't Resist "Westsplaining" Ukraine." *The New Republic*, 2022.

